

UM ARTISTA ALÉM DA TELA... IRREVERENTE E ATUAL

ELISA DE SOUZA MARTINEZ

LIVRO**UM ARTISTA ALÉM DA TELA...
IRREVERENTE E ATUAL**

O livro João Sebastião: Baú Iconográfico, de Aline Figueiredo gera um movimento que nos conecta a um Brasil “popular, caboclo e erudito.

**ELISA DE SOUZA MARTINEZ
ABCA/BRASÍLIA**

Às vésperas das comemorações do centenário da lendária semana de 22, foi publicado o livro, de Aline Figueiredo. Ao reler a frase “Acontece que o tema às vezes descaminha”, usado por Mário de Andrade em sua *Paulicéia desvairada* para nos fazer cogitar o desordenamento da história do Brasil a partir de um episódio, ampliamos o questionamento para pensar na história da arte nacional. Essa frase nos desafia a considerar que um evento, um fenômeno artístico no Brasil (essa imagem rechonchuda do país que predomina em presunçosas visões panorâmicas), pode descarrilhar o trem da história contada por nossos antecessores, ainda que as locomotivas tenham sido construídas com sensibilidade e rigor teórico. Podemos também duvidar dos panteões bidimensionais que construímos, com latitudes e longitudes fixas, antigos e recentes. Nossas regiões geográficas têm sido demarcadas por uma história unificadora, em que predomina um universo de referências forçosamente consensual.

Obras de referência que, certamente, precisam de atualização urgente, têm



Sem título, João Sebastião, s/a. Foto: Divulgação.

suas leituras ampliadas apenas com a ajuda da literatura de ficção, dos relatos de expedições científicas e de viagens etnográficas das quais se extraem temas de ocasião. Este último gênero, o das viagens etnográficas, foi explorado pelo “turista aprendiz”, Mário de Andrade, buscando descobrir o Brasil em primeira mão, sem filtros. Confrontando seus achados com o que considerava a ignorância da intelectualidade culta nacional, o escritor rechaça critérios hegemônicos para pensar o Brasil, e combate o velho hábito de transformar o diferente, ou indigesto, em palatável ao gosto burguês, em mero entretenimento. Passadas várias décadas desde as viagens desse turista, nos perguntamos se ainda é preciso falar da arte no Brasil em termos regionais. Seria pertinente falar ainda de uma “pintura cabocla” como arte da “província”, como fez Frederico Moraes em texto publicado em 1981? Segundo esse crítico de arte, a pintura cabocla seria forma de falar e de ser ouvido, de manifestar a saturação com a “hegemonia do eixo

Rio-São Paulo, que reproduz, entre nós, o mesmo esquema de dominação internacional”. O que mudou desde 1922, ou desde 1981?

As velhas narrativas coerentes e unificadoras ainda podem reivindicar uma abrangência que, de fato, não possuem? A leitura não-dogmática de autores que nos antecederam nos faz ver que muito já foi escrito e publicado para desestabilizar o convencional e o hegemônico no Brasil. Pensando no Brasil sem filtros, o livro de Aline Figueiredo é essencial para que se tenha uma visão completa da obra do artista João Sebastião, irreverente e atual, assim como do contexto em que foi produzida, e sua atualidade.

“O BAÚ É APRESENTADO A PARTIR DE UM PONTO DE VISTA PRIVILEGIADO, DE GRANDE INTIMIDADE COM O TRABALHO DO ARTISTA E COM OS IDEAIS QUE O MOTIVARAM...”

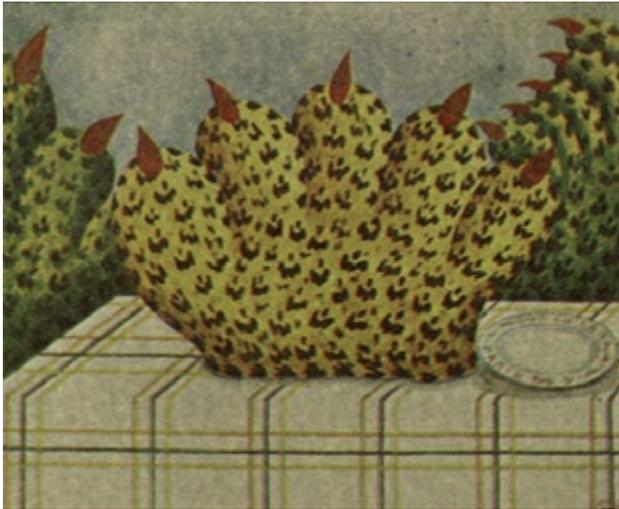
O livro é uma viagem, uma expedição, pelos caminhos percorridos pela produção artística que se consolidou em Mato Grosso sem divisas, a partir



Sagrados Corações de Caju, João Sebastião, 1974. Foto: Divulgação.

das ações de um núcleo de artistas idealistas, dos quais se destacam também Humberto Espíndola, Dalva de Barros, Alcides Pereira dos Santos, Gervane de Paula, Clóvis Irigaray, Adir Sodré e a autora do livro. O baú é apresentado a partir de um ponto de vista privilegiado, de grande intimidade com o trabalho do artista

e com os ideais que o motivaram. Talvez seja difícil para o leitor de hoje dimensionar o forte impacto que as obras de João Sebastião produziam em exposições que percorriam as capitais do país. Os textos do livro nos ajudam a dimensionar o assombro e o acolhimento que seu trabalho recebeu.



Língua Cuiabana, João Sebastião, 1977.
Foto: Divulgação.

Se quisermos conhecer a atualidade temática e política do trabalho desse artista e de sua família (artística), o livro é, sem qualquer dúvida, necessário. Do baú iconográfico construído por Figueiredo, extraem-se múltiplos componentes: políticos, ecológicos, plásticos, temáticos e identitários. Expressões como “barroquismo telúrico”, “surrealismo antropofágico”, “soltura fovista” e “cubismo tropicalista”, nos ajudam a ver o quanto a obra do artista se relaciona a movimentos da arte e, também, extrapola nossa curiosidade

pela maneira inusitada (talvez?) como combina cajus e monalisa, onças e santos, paisagens naturais e geometria urbana. Combina também a necessidade de viver além da tela, de se manifestar no espaço social, lúdico e amplamente político. No livro vemos reproduções de uma vasta produção em quatro décadas de trabalho: pinturas, performances, gravuras, artes gráficas, figurinos, pintura corporal e figuras tridimensionais feitas com material reciclado. Para ver o conjunto, é preciso compreender as afirmações de “erudição expressiva” e “sofisticação” do artista, introduzidas por Aline Figueiredo, bem como as análises de outros críticos. A autora fala também de uma cardiografia a cumprir no coração da América e do Brasil, lembrando-nos de que o artista nasceu no centro geodésico da América do Sul, Cuiabá, onde o esforço maior é combater o marasmo que acompanha o isolamento geográfico. O esforço aproxima o baú de João Sebastião do movimento Armorial, tendo o caju como “insígnia vegetal brasileira”, nas palavras de Ariano Suassuna.

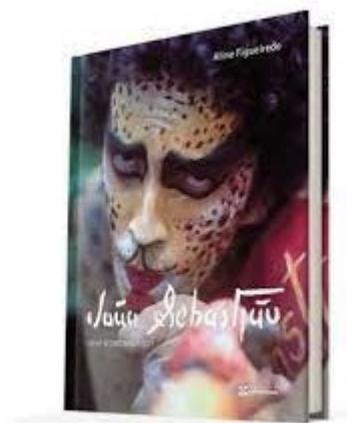
Desse modo, a obra do artista gera um movimento que nos conecta a um Brasil “popular, caboclo e erudito”, que se constata na rica documentação selecionada para o livro, bem como na coletânea de textos críticos publicados entre 1970 e 2016, assinados pela autora e por Mário Schenberg, Mariza Bertoli, Frederico Moraes, Aracy Amaral, Ricardo Guilherme Dicke, Luiz Ernesto Kawali, Jacob Klintowitz e Marília Beatriz.

A questão que atravessa nossa leitura, apresentada por Aline Figueiredo, de que uma atualização estética no Brasil se faz com a descentralização, nos leva de volta ao discurso dos modernistas de 22, e é, portanto, imprescindível. Tomando a obra de João Sebastião como referência, como tema que *descaminha* nossa história, adotando sua maneira de transformar paisagem em alegoria, podemos ver em suas pinturas, e no Centro-Oeste, a maneira como a expansão de fronteiras, seja esta de ocupação humana, de exploração da terra ou de produção artística, gera um tipo de sincretismo simbólico-visual. O conteúdo crítico de sua obra nos faz

Lembrar que essa expansão, vista como um caminhar em direção ao deserto (este pensamento ainda mais polêmico que aquele que afirma a necessidade de atualizar o Brasil) implica em retorno, em regresso ou devolução. A via é de mão dupla, e Aline Figueiredo nos lembra disso com muita clareza, no livro dedicado ao “amigo das onças e dos santos”. As rodovias, de traçado e cores limpas, sem marcas de trajetos humanos, atravessam a série de trabalhos “Asfalto”, citada por Mário Schenberg em texto incluído no livro. São emblemas dos itinerários de nossas idas e vindas (Qual é o ponto de partida? O litoral? Cuiabá? O Morro de Santo Antônio?), entre onças, caju e santas. Afinal, como o slogan oficial citado por João Sebastião em uma pintura de 1977: “O Brasil é feito por nós”. Qual Brasil?

Serviço

João Sebastião: baú iconográfico, de Aline Figueiredo. Lançamento da Editora Entrelinhas. Tem 144 páginas em policromia e papel couche (R\$160,00).



ELISA DE SOUZA MARTINEZ

Pesquisadora Colaboradora Sênior do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA/ELA/ICS) da Universidade de Brasília. Editora da Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Em 2019, coordenou a Jornada ABCA Síntese das Artes: memória e atualidade, em comemoração dos sessenta anos de realização do Congresso Internacional Extraordinário da AICA no Brasil (1959).